

joão anzanello carrascoza

DIAS RAROS

AMOSTRA

TORDSILHAS

Cidade-mundo	09
Chamada	17
Umbilical	27
Ponteiros	37
O último gol	47
Rosa do deserto	53
Tecidos	61
Balança	69
Além dos trilhos	79
Ali	91
Janelas	103
Dor futura	115
Um ano a menos	123
Dias raros	133

Então era a vez, a primeira, que o menino iria à cidade de que diziam ser, só ela, o mundo inteiro. O mundo em toda a sua diversidade, e, se lá de cima, das altas voragens, a gente o contemplasse, haveria de parecer uns caminhos desenhados, como as asas de uma borboleta multicolorida. A cidade e seus destinos a se enredarem, tal qual os veios de uma folha viva. Nela moravam os tios com uma filha; o menino e a mãe iam visitá-los, e ele, quieto, antes de partir, dava uns contornos imaginários ao rosto da prima, nenhum retrato tinha dela, nem seu nome sabia – e era o de menos; demais só a ânsia de conhecer a cidade-mundo.

Saíram ainda escuro, a manhã hesitava, uns cheiros de dia novo pairavam no ar, e o menino se ria, no feliz de fazer uma viagem, coisa mínima para a maioria, ir de um aqui a um ali, costurar as margens do cá às do lá, mas para

ele a raridade que raiava. O pai os levara de carro até o ponto de ônibus na estrada. E agora iam eles, mãe e filho, e entre ambos, apertada, a felicidade do menino, temendo alargar-se, balão não de todo inflado pela ameaça de explodir. Mas também ia na poltrona da frente a cisma: como caber em seu juízo lugar tão grande? Ali onde vivia, vilarejo, já umas ruas lhe pareciam sem fim e, de sua casa, erguendo a cabeça, via o verde dos canaviais se esparramando a se perder de vista, e as milhares de estrelas latejando nas noites escuras, uma imensidão que se continha em seu espanto. Mas a vida era o desconter-se, aquele ampliar-se que ele, à janela, ia provando, como a paisagem móvel e, a cada avanço do ônibus, modificada. A mãe ensinava-o a abrir o vidro, a reclinar o encosto, a erguer o braço que dividia as duas poltronas para demarcar o espaço dos passageiros, se desconhecidos; mas, como íntimos eram, convinha se aconchegarem, nada ter no meio deles, a não ser a felicidade do menino. O embalo do ônibus, as tantas coisas a ver, o azul do céu a se alternar de nuvens, os campos cultivados, os rebanhos hirtos nos pastos, umas cidadezinhas que lhe diziam “oi” e já “adeus”, e ele, desabitado daquele caminho, logo a adormecer no colo dela, um tudo demais para seus braços miúdos.

Quando acordou, os dedos da mãe acariciando-lhe os cabelos, as placas já anunciavam, bem perto o mundo-cidade. Sacudiu o olhar, respirou fundo, com apetite de perguntas, mas se refreou. Saboreava um susto bom, só seu. O ônibus deslizava pela estrada atrás de uns quantos carros e caminhões e outros ônibus e motos, e lá adiante já avultavam prédios e mais prédios,

no ar um aroma de descobertas, a paisagem urbana se alargando sem parar, o sol flutuante engolindo a fumaça das chaminés. E aquilo era e não era ainda a cidade, uma avenida longa-longa, quase autopista, ladeada por um rio de águas negras. E não dava tempo de o menino ver tudo, o que passava lá atrás permanecia, e vinha mais adiante, casas, prédios, torres, fábricas, galpões, viadutos, e carros, carros, carros, novos sustos, novos aumentos de alegria. E as árvores, onde estavam? E os passarinhos? E as ruas com os gatos e cachorros a perambular? E as escolas, e as igrejas? O menino rebeitava de indagações. E outras vinham, não mais como antes, gotejadas, a vista ali sugava aceleradamente, ele zozzo, atolando-se em assombros. E a mãe também, mas a mãe no controle, enquanto ele, sôfrego de nada perder, porque era uma hora enorme em sua vida, e de um sobressalto ao outro, este se emendando naquele, o menino suspenso até outro menino, crescido por aquela vivência.

E quando viu de novo, porque nuns instantes ficou a ver não vendo, como quem lê a página de um livro sem se apegar às palavras – e aí se deixou no depressa-devagar da imaginação –, quando viu, estavam num pátio comprido onde os ônibus barulhavam, nervosos, uns a chegar, outros a partir, e as gentes a arrastarem suas malas e seus medos, as vozes da vida se emaranhando, o zum-zum-zum da euforia. A mãe o pegou pela mão, como se a protegê-lo, pássaro débil para o voo. Entraram num táxi, rumaram para a casa dos parentes. E de novo os bons sustos, umas avenidas vivas

de veículos e veículos, uns edifícios que sugavam a atenção, iguais e iguais para os habitantes da cidade, mas não para o menino, fascinado com aquela monotonia que o mimava, se entregando ao desejo de mirar, admirar, demorar-se entre dúvida e entendimento. O menino queria ver o além das coisas, o por trás de sua existência concreta, não apenas garimpá-las no amontoado do que eram, mas compreender o seu mecanismo. Vieram ruas menores, fluindo para outras, e os semáforos no verde luzacendendo-se, luzapagando-se no vermelho, os postes entrançados de fios, a multidão no pra lá pra cá das calçadas, uma grandeza dessas, excessiva, e o menino, no transbordamento de si, vendo aquele vário que se renovava. Até que, de súbito, desaguaram numa rua estreita, alagada de calma – quase nem parecia a cidade-mundo, na certa um dedo seu, não o coração de há pouco –, e nela o casario modesto, a lembrar a cidade-aldeia do menino.

Pararam à frente de um sobrado, e a luz do sol desnublou a sua visão, grudada ainda nas realidades que havia visto, e agora ele espiava a porta que se abria – eis os tios no afã dos gestos hospitaleiros, uma algazarra incontida, e a paz depois do mundo de cidade que o trouxera até ali. Sorriram-se todos, saudaram-se, umas palavras correram alvissareiras de lábios a lábios, de um peito a outro saltavam aleluias, de mais a mais o do menino, que fremia com o conforto de chegar. Esparramaram-se pela pequena sala, já uns lanches e sucos surgiam pelas mãos da tia, o aroma aéreo do café, o tio a perguntar à mãe sobre a viagem, as pessoas da

família. A vida vigorava, diversa, num outro jeito de ser degustada, e o menino a provava, com avidez.

Mal afastara a fome, ele viu entrar a prima, às carreiras, segurando uma boneca. Nem deu tempo de vê-la no seu geral, já a menina se acercava, o rosto sar-dento diante do seu, os olhos de risos, contente pela novidade. E ela tagarelava, um veloz tudo, como o que o menino vira da cidade até então, esgarçado ainda em seus sentidos. A prima, faladeira, e, inclusos nela, os gestos de agrado. Logo o arrastou para seu quarto, no piso de cima; a passar-lhe à mão seus brinquedos, uns que ele se surpreendia de ver tão iguais aos seus, outros que o maravilhavam por nunca tê-los visto. E a prima mostrava seus desenhos, suas lições de casa, as gavetas de roupa, o dentro dos armários, como se na sala ela fora parcial e, dividindo com ele seus pertenc-es, enfim se revelasse inteira. Olhava-o sem precau-ção, devia de ser também sozinha, saltitante pela casa com seu novo amigo. E agora o rebocava escada abai-xo, a porta aberta da cozinha, o quintal, e o menino nem intuía que algo maior estava prestes a acontecer, incabível na estreiteza do instante, cada minuto com a prima era o muito, o inesquecido. E ela lhe apresen-tou, entre sorrisos, o bambolê, a cabaninha de lona velha à sombra da laranjeira, e pulou corda, e subiu ao muro a apontar a linha de casas lá distante, o bairro fabril, um campanário, outra cidade, ínfima, dentro da cidade-mundo. O menino se expandia, entregue ao encanto, e, de pronto, se deu em perguntas à prima, narrou umas vivências suas, pequeninas, mas que a

risavam, a divertiam, e um no interesse de ouvir o que vinha do outro.

Depois, os tios chamaram, os dois voltaram à sala, todos juntos a sorverem o proveito da visita. A mãe abraçou o menino, nuns afagos inabituais. E já se faziam planos de levá-los a passeios, a parques, a praças, às compras, ao melhor da cidade. Quietos, o menino escutava o que diziam na emoção da expectativa, vislumbrando já as belezas vindouras, enquanto mirava com suavidade a prima. A prima, tão mais surpreendente a cidade nela. Um mundo que ele ia descobrindo não de longe, nem de perto, mas de dentro, e aos poucos, feliz, feliz, o menino, a abrir também suas ruazinhas e avenidas para ela. A prima, o principal alumbramento. A vez primeira.

CHAMADA

AMOSTRA

A mãe não estava bem. De novo. E quando ela despertava assim, sem poder sair da cama, Renata teria de faltar à escola: nem era preciso o pai ordenar-lhe que ficasse; à menina cabia a tarefa de assisti-la e correr à farmácia, ou ao médico, se fosse necessário. Mas, embora a mãe não lhe parecesse ter acordado pior do que em outros dias – a tosse, como sempre, serenara à luz da manhã –, Renata não entendeu por que o pai, à porta do quarto, disse, secamente, *Vai pra escola, hoje eu fico com ela*. Obedeceu e vestiu às pressas o uniforme, a custo represando a alegria de ir ao encontro das colegas. Engoliu o café da manhã, sozinha à mesa, pensando nas emoções que em breve viveria. Depois, escovou os dentes, penteou os cabelos e foi despedir-se da mãe.

Encontrou-a sentada na cama, as costas apoiadas em dois travesseiros, os olhos inchados de insônia, nos quais ainda se podia apanhar a noite, como uma moeda no fundo do bolso. E, mesmo sendo filha e conhecendo-a bem, Renata não a achou nem mais nem menos abatida, pareceu-lhe até que gozava de boa saúde e nunca sofrera do mal que a consumia. A menina aproximou-se dela, ouviu-a sussurrar com esforço, *Bom-dia, querida*, e respondeu-lhe na mesma medida, *Bom-dia, mamãe*, que outra coisa não tinham a dizer uma a outra, senão essas óbvias palavras, por trás das quais havia o desejo visceral de que o dia lhes premiasse com outras levezas – a maior já era terem despertado para um novo dia, ainda que para a mulher, às vezes, fosse insuportável abrir os olhos e dar com o sol a arranhar as paredes.

A mãe apresentava bom aspecto, se comparado ao de outras manhãs, e, ao beijá-la, Renata sentiu a quentura de sua face, a respiração aparentemente regular, as mãos enlaçadas, dava até a impressão de que, súbito, sairia da cama e cuidaria da casa, da roupa da família, do almoço, como o fizera semanas antes, quando vencera outra crise. *Vou pra escola, mamãe*, disse a menina, e a mulher a escutou como se a filha nada tivesse dito senão, *Vou pra escola, mamãe*, e ignorasse que existiam outras palavras, agarradas aos pés dessas, esguichando silêncio. E, para não corromper a beleza desse segredo, a mãe abriu-lhe um sorriso – só ela podia

saber o quanto lhe custava de vida esse simples ato de mover os lábios –, e disse, resoluta, *Vai, filha, vai*. As duas se olharam, a menina fez uma graça, *Tá bom, já vou indo*, e, antes de encostar a porta, disse o que a outra deveria lhe dizer – ao menos era o que a maioria das mães diria às filhas –, como se essa fosse aquela, e Renata só o dissesse por ter ouvido tantas vezes dela, *Juízo, hein*, imitando-a de propósito, mais para agradá-la do que para lhe mostrar o quanto crescera.

O pai a esperava na sala, vestido como se para um compromisso especial e, ao ver a menina colocar a mochila às costas, entregou-lhe a lancheira, dizendo, *Fiz sanduíche de queijo e suco de laranja*. Mas Renata demorou para pegá-la, espiando pela fresta da porta a mãe que, repentinamente, empalidecera, como se aguardasse apenas ficar a sós para desabar, e então ele emendou, *Não é o que você mais gosta?*, ao que a filha respondeu apenas, *É*.

Por um instante, permaneceram imóveis, fluando cada um em seu alheamento, aferrados às suas sensações. De repente, ele enfiou a mão no bolso, retirou a carteira, pegou uma nota de dez reais e estendeu-a à filha, *Toma, compra um doce no recreio*. Surpresa, Renata apanhou o dinheiro, beijou o pai na face, a um só tempo despedindo-se e agradecendo pela dádiva; sempre fora difícil conseguir dele algum trocado, e eis que, inesperadamente, punha-lhe na mão uma quantia tão alta... Podia ser uma recompensa pelos cuidados que ela

dispensava à mãe, ou um agrado para que o dia lhe fosse menos amargo, como se ele o soubesse que seria, mas Renata não pensou nem numa nem noutra hipótese, já lhe iam no pensamento a escola, as amigas e as lições que teria pela frente.

Desceu a escadaria, saltando os degraus, de dois em dois, e saiu à rua. Pegou o caminho mais curto, subindo a avenida principal, sob a copa larga das árvores, a pisar nas sombras que o sol, filtrado pelo vão dos galhos, borrifava na calçada.

O portão da escola permanecia aberto, quase não se viam alunos, todos já haviam entrado, somente um ou outro retardatário chegava. Estranhou a quietude do pátio, o vazio dos corredores, o ecoar de seus próprios passos. Correu para a sala de aula, sobresaltada, e entrou um momento antes da professora, o coração cutucando o peito, a amiga ao lado já a perguntar, *O que aconteceu? Sua mãe piorou outra vez?* Ia responder-lhe que não, embora hesitasse – ouvira o médico dizer uma vez que existiam melhoras enganosas –, mas murmurou, sem entender direito a razão pela qual mentia, *Atrasei, meu pai me acordou tarde*. Era assim, alguém sempre queria saber como andava sua mãe, e ela se aborrecia com a curiosidade alheia. Às vezes, inventava que faltara à escola por outros motivos, *Fui visitar minha tia; Machuquei o pé, Ajudei minha mãe a encerrar a casa inteira*; exercitando o talento para dissimular, como o fazia àquela hora, mirando a amiga, enquanto na memória pendia a ordem estranha do pai, o dinheiro que ele lhe dera,

o sorriso da mãe, *Vai, filha, vai*. E, repentinamente, sentiu remorso por estar ali, tão feliz...

A professora logo deu início à aula. Renata tentou se concentrar, mas uma outra lição a atraía, e era incapaz de lidar com as dúvidas que lhe fervilhavam a mente. Mergulhou numa névoa de sonhos, desejos e lembranças, distanciando-se tanto dali que, ao se dar conta, a lousa estava toda preenchida a giz, e as folhas de seu caderno vazias, o branco sugando-a para o centro de uma ameaça. A amiga a cutucou, *O que você tem?* Renata enveredara-se pelas linhas de sua própria matéria, tão sua que por vezes lhe parecia de outra, e respondeu, sem convicção, *Nada*. A amiga a alertou, *Então, copia*. Mas ela não se animou, manteve-se inerte, agindo contra a sua felicidade, porque se aquela era a sua realidade momentânea, ou ao menos a que desejava, algo a impedia de usufruir de sua plenitude.

A professora caminhou pela sala, a ver se os alunos copiavam em seus cadernos, chamou-lhe a atenção que Renata ainda não o fizera e a ela perguntou, *Algum problema?* A menina não se mexeu, nem disse nada, sentia o fogo de mil olhares lhe arder o rosto; ela era, sim, a aluna cuja mãe vivia de cama, mas não queria piedade nem regalia alguma. Por isso, antes de responder, *Não*, e a professora lhe ordenar, *Copie, se não você vai se atrasar*, cravou o lápis com força no caderno e começou a escrever.

A aula continuou, o tempo escorreu com lentidão, ao contrário de outras vezes em que ela se

divertia e os minutos fluíam às tantas, exaurindo-se, rapidamente – como pequenas hemorragias de prazer.

O sinal soou, a sala se esvaziou num minuto, o pátio foi inundado pelo alarido das crianças e seus ouvidos encheram-se com as perguntas da amiga, *O que aconteceu?, Está preocupada com sua mãe? Ela foi pro hospital de novo?, O que você trouxe de lanche hoje? Vamos trocar?* E Renata ia respondendo, mecanicamente, *Nada, Não, Meu pai está com ela, Pão com queijo, Vamos!* Comeu vorazmente o lanche que trocaram, a boca aberta, ruminando a boa educação que possuía. Ignorava que uma corda se quebrara em seu íntimo e a nova, que a substituiria, precisava de afinação. Nem a companhia da amiga a confortava, queria estar só, agarrada às suas suspeitas. Correu ao banheiro para se livrar de novas perguntas, trancou-se e sentou-se no vaso, a perguntar-se, confusa, *Que será que eu tenho?*

Depois, voltou ao pátio e dirigiu-se à cantina. Observou sem pressa as prateleiras de doces e escolheu mentalmente o maior sonho que havia ali, todo polvilhado de açúcar e vazando o creme espesso. Ia fazer o pedido, mas desistiu e deixou-se ficar ali, muda, como se pedra. Pegou o dinheiro do bolso, examinou-o, seria o preço que o pai lhe pagara para comprar algo que ela não queria vender? *Você quer alguma coisa?*, perguntou-lhe o homem da cantina, *Se quiser, peça logo, o recreio vai terminar...* Renata o mirou, furtivamente, e, sem lhe

dar resposta, enfiou-se entre as outras crianças, repetindo em voz baixa, *Não, não, não...*

De volta à aula, tentou entregar-se com desvelo às tarefas e afastar-se de si mesma, receosa de compreender o que verdadeiramente se passava consigo, de descobrir outro significado para as surpresas daquele dia. Esforçou-se, mas sentia-se avoada, pensando a todo instante na mãe, como pensava na escola quando ficava em casa cuidando dela. Não ouvia o que diziam ao redor, as palavras lhe soavam ininteligíveis, e o sol minguava – a sala, aos poucos, era engolida pelas sombras. Não havia como desligar os motores do dia, que funcionavam a toda, em surdina.

Então, Dona Lurdes, uma das funcionárias da escola, apareceu à porta da sala, cochichou ao ouvido da professora, que, imediatamente, a chamou, *Renata, pegue suas coisas e venha até aqui*. E ela foi, lenta e resignada. A professora conduziu-a com suavidade até o corredor, *Dona Lurdes vai levar você até a Diretoria*, disse, e a abraçou, tão forte, que Renata se assustou, não porque ela jamais a tivesse tocado, mas porque o contato com aquele corpo abria-lhe uma porta que não queria ultrapassar.

No caminho até a Diretoria, lembrou-se subitamente do dinheiro no bolso, tocou-o com os dedos por cima da saia, conferiu-o. Sentiu o peso do braço de Dona Lurdes em seu ombro, como uma serpente, e grudou-se ao silêncio com todas as suas forças, embora lhe queimasse nos lábios uma pergunta que se negava fazer.

Encontrou o pai lá, em pé, os olhos úmidos, uma xícara de café nas mãos, diante do Diretor, que – sempre de cara amarrada, a repreender os alunos – mirou-a com um olhar terno, insuportável de se aceitar. *Se o senhor precisar de algo*, disse ele ao pai, *pode contar conosco*, e acompanhou-os à portaria. O pai agradeceu ao Diretor a gentileza, ergueu a cabeça, despediu-se. Na calçada, pegou subitamente a mão de Renata. Há tempos ela não andava daquele jeito com ele, e deixou-se levar, obediente, como uma criança que já não era. Atravessaram a rua ensolarada e seguiram pela avenida principal, silenciosos, à sombra das grandes árvores. E, antes que o pai lhe dissesse o que tinha a dizer, ela compreendeu tudo.

UMBILICAL

AMOSTRA